

## SEIS MESES DE GUERRA

# Tropas israelenses deixam rastro de destruição

Após retirada do Exército de Khan Younis, no sul da Faixa de Gaza, moradores palestinos que se refugiavam em abrigos retornam para procurar suas casas em meio aos destroços e 'fedor dos corpos' abandonados pelo caminho

MONTAGEM: GAZA

A medida em que os palestinos retornam a Khan Younis, no sul da Faixa de Gaza, após a retirada do Exército de Israel no domingo, começam a ter dimensão do impacto da guerra sobre o que já foi um dos principais centros do território palestino. Imagens captadas durante a volta dos moradores e relatos iniciais revelam um cenário de destruição enquanto ainda persistem incertezas sobre um possível retorno das operações israelenses na área. Ontem, o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, anunciou, sem especificar quando, que há uma data para o início da ofensiva em Rafah, cidade apontada por Tel Aviv como o último reduto do grupo terrorista Hamas e para onde cerca de 1,5 milhão de pessoas fugiram em busca de refúgio.

—Os bombardeios, mortes e destruição não são suficientes? Há corpos sob os escombros, podemos sentir o fôdor — disse Muhammad Yunis, de 51 anos, em entrevista à AFP.

## MELHOR QUE BARRACAS

Fotos e vídeos registrando o retorno a Khan Younis revelam que áreas antes ocupadas por construções foram completamente devastadas e agora assemelham-se a terrenos baldios. prédios foram totos ou parcialmente destruídos e munições e cartu-



Sem lar: Palestinos caminham ao lado de prédios destruídos em Khan Younis após saída de militares; muitos voltaram a pé, a cavalo ou em bicicletas

chos aos montes estão espalhados pelas ruas.

Após a saída dos soldados, muitos palestinos resolveram voltar como foi possível — a pé, de carro, carroça ou bicicleta — com a esperança de retornar para suas casas e deixar os abrigos temporários em Rafah, no extremo sul do enclave.

— Mesmo que não esteja habitável, é sempre melhor do que as barracas — disse Maha Thar, mãe de quatro

filhos que retornou na esperança de voltar a viver em seu antigo apartamento.

De acordo com o ministro da Defesa, Yoav Gallant, o último grupo de soldados deixou Khan Younis para "se recuperar e se preparar para operações futuras", incluindo Rafah. A imprensa israelense afirma que, após a retirada da 98ª Divisão do Exército, nenhuma tropa terrestre está em operação

no sul de Gaza.

Em uma publicação no X (antigo Twitter), o premier israelense afirmou que a vitória contra o Hamas "exige a entrada em Rafah e a eliminação dos batalhões terroristas que estão lá". Os EUA, principal aliado do Estado judeu, disseram se opor à incursão.

— Devíamos clarear para Israel que acreditamos que uma invasão militar em grande escala de Rafah teria um efeito

extremamente prejudicial sobre esses civis e que, em última análise, prejudicaria a segurança de Israel — disse o porta-voz do Departamento de Estado, Matthew Miller. O presidente francês, Emmanuel Macron; o presidente egípcio, Abdel Fattah el-Sisi; e o rei Abdullah II da Jordânia também alertaram Israel sobre as "consequências" de uma invasão.

O clima belicoso provo-

cou receio em parte dos palestinos, que preferiram esperar um pouco antes de retornar a Khan Younis. Osama Asfour, de 41 anos, que está abrigado numa tenda em Rafah, foi um deles. Desde o início da guerra, o Exército regressou a áreas de Gaza de onde as suas forças já tinham saído, especialmente no norte. Por isso, Asfour disse que não tinha planos imediatos de voltar para sua cidade.

— Os militares podem dizer que partiram hoje, mas podem voltar amanhã — disse ele, que trabalhava no Hospital Nasser em Khan Younis, em uma entrevista ao Times. — Não vou embarcar em uma aventura com minha vida e com a vida de minha família.

## NEGOCIAÇÕES AVANÇAM

O movimento de recuo aconteceu em um momento-chave para as negociações de um cessar-fogo temporário com o Hamas no Cairo, que parecem estar avançando. Enquanto isso, aumenta a pressão interna sobre o governo pelo retorno dos reféns capturados pelos terroristas. "Estamos trabalhando o tempo todo para atingir nossos objetivos, principalmente a libertação dos reféns e uma vitória total sobre o Hamas", disse Netanyahu no X.

(Com AFP e New York Times)

## ENTREVISTA

Alon-Lee Green, ATIVISTA

Codiretor do Standing Together defende coexistência pacífica entre israelenses e palestinos, e culpa governo pelo 'momento mais obscuro' de sua história

RENATO VASCONCELOS/OLÉ montou a entrevista @globo.com

# 'ISRAEL FORTALECE O HAMAS ATACANDO HOSPITAIS'



"Extremistas dos dois lados se retroalimentam. Eles previam uns dos outros, ficam mais fortes um com o outro. Não é possível destruir uma ideia com uma guerra."

acontecia antes de 6 de outubro e depois do dia 7 com os palestinos. Entendemos que essas realidades não conexas e que a nosso governo nos levou ao momento mais obscuro de nossa história.

Qual a responsabilidade do governo israelense pelo que aconteceu no dia 7?

Quando você recusa a paz, recebe guerra, não? O governo recusa a paz há anos e o resultado é uma guerra que só fica cada vez pior, cobrando um preço mais alto a cada desdobramento. Uma guerra que coloca todo o povo vivo nesta terra, palestinos e judeus, em uma realidade em que nossa capacidade de viver aqui está comprometida.

Mas como criar confiança entre israelenses e palestinos em um momento como o atual?

[A confiança entre israelenses e palestinos] está muito baixa neste momento, mas a primeira coisa a fazer para alcançar a paz é parar essa guerra, alcançar um acordo de cessar-fogo. Quando fizermos isso, podemos começar a olhar para as causas profundas da instabilidade e insegurança. O povo judeu desta terra não pode viver em paz enquanto milhões de outras pessoas vivem na mesma terra sem liberdade.

Oficialmente, as autoridades israelenses apontam para o 7 de outubro como o motivo de toda a escalada militar. O senhor entende que esse discurso foi aceito pela sociedade?

Sim. A sociedade está traumatizada e com medo, e vi-mos isso acontecer, infelizmente. Existe muito medo e

é possível senti-lo em todos os cantos, de forma justificada; o que vivenciamos no dia 7 de outubro é algo que nenhum ser humano deveria vivenciar. Precisamos também compreender que este é um terreno fértil para que o governo e pessoas extremistas, o povo messiânico que está no poder dentro da nossa liderança, tentem levar a nossa sociedade a acreditar que matar pessoas inocentes é justo, que destruir um pedaço completo de terra é algo que nos trará qualquer tipo de solução. Essas são mentiras que não nos servirão porque, na verdade, vamos perder ainda mais por causa desta guerra. Teremos menos segurança por causa dela.

O medo na sociedade israelense é de que a guerra não tem capacidade de atingir seu

objetivo ou de que acabe antes de alcançá-lo, com uma desmobilização ou cessar-fogo?

É claro que essa guerra não poderia alcançar segurança. Não para as pessoas no sul, não para as pessoas por toda Israel e muito menos para as pessoas em Gaza. Era óbvio, desde o primeiro dia, que esta guerra não nos traria nada e que não iria desmantelar o Hamas. Era óbvio que o Hamas só iria ficar mais forte, porque se alimenta de extremismo. Quando nós, Israel, bombardeamos e matamos uma família de 30 pessoas, o Hamas fica mais forte. Quando destruímos um hospital, o Hamas fica mais forte. Quando destruímos um bairro inteiro, o Hamas fica mais forte. E acredite, nós destruímos muitos bairros: 70% de Gaza está destruída.

Autoridades israelenses já

disseram que o Hamas não é um ator legítimo para negociar e que quer que seja...

Então por que nós fizemos isso? Por que negociamos com o Hamas? Por que os tornamos mais fortes? Por que temos menções públicas do nosso governo de que o Hamas é um ativo e se quisermos prevenir a criação de um Estado palestino, temos que deixar o Hamas mais forte?

E que abordagem o movimento propõe?

Você lembra quando, em novembro, 108 reféns foram libertados em uma troca de prisioneiros? Com quem nós negociamos? O acordo foi com o Hamas. Se queremos a libertação dos reféns, temos que falar com o Hamas.

A Cisjordânia era focada na atenção das atividades militares de Israel antes do atentado...

Antes e depois. Essa é a natureza do controle militar de milhões de pessoas, que não são cidadãos israelenses, pelo governo israelense. Como você impõe controle a milhões de pessoas? Com força, com violência. Só os palestinos estão pagando o preço? A resposta é não. Os israelenses também estão pagando um preço — diferente, talvez menor, mas também pagamos, porque a violência se volta contra a gente.

Guerra impulsiva ou extremismo nos dois lados da fronteira?

Os extremistas dos dois lados se retroalimentam. Eles precisam uns dos outros, ficam mais fortes um com o outro. Não é possível destruir uma ideia com uma guerra. Precisamos lidar o Hamas.